



Relatório Final

Monitoramento da Biodiversidade na Paiterey Garah
(Terra Indígena Sete de Setembro) do Povo Paiter Surui

Coordenação técnica:



Parceiros:



Porto Velho
Junho de 2014

Organizações envolvidas nas atividades do Monitoramento da Biodiversidade da Terras Indígena Sete de Setembro.

1. Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé - Coordenador Geral, Ivanete Bandeira Cardozo
2. Equipe de Conservação da Amazônia – ECAM – Presidente Vasco Van Roosmalen
3. Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí – Coordenador Geral, Almir Narayamoga Suruí

Equipe técnica

Alexsander Santa Rosa Gomes – Biólogo/Kanindé

Lara Rosana Nerez Diniz – Bolsista CONSBIO/Kanindé

Israel Correa do Vale Júnior – Coordenador Técnico - Biólogo/ Kanindé

Ivaneide Bandeira Cardozo – Históriadora/Kanindé

Marcos Garcia – Colaborador/Ass. Do Povo Paiter – Metareilá

Thamyres Mesquita Ribeiro – Colaborador/Kanindé

Wesley Pacheco – Técnico ECAM

Equipe de pesquisadores indígenas

Mopidmore Suruí (aldeia Lapetanha);

Denílson Suruí (aldeia Joaquim);

Gilson Suruí (aldeia Lobó);

Mopi Suruí (aldeia Nabekodabalakibá);

Itabira Suruí (aldeia Sete de Setembro);

Paulo Suruí (aldeia Sete de Setembro);

Daniel Suruí (aldeia Linha 14);

Uiquereon Suruí (aldeia Linha 14).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OBJETIVOS.....	10
2.1. OBJETIVO GERAL	10
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3. MATERIAIS E MÉTODOS	11
3.1. CAPACITAÇÃO DOS PESQUISADORES INDÍGENAS	11
3.2. OFICINAS DE CAPACITAÇÃO EM MONITORAMENTO DA BIODIVERSIDADE EM TERRAS INDÍGENAS.....	11
3.2.1. Primeira Oficina de Monitoramento da Biodiversidade em Terras Indígenas.....	12
3.2.2. Segunda Oficina de Monitoramento da Biodiversidade em Terras Indígenas.....	14
3.2.2.1. O objetivo da oficina:	14
3.2.3. Terceira Oficina de Monitoramento da Biodiversidade	14
4. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	14
4.1. METODOLOGIA DISTANCE	14
4.1.1. Transectos Lineares	15
4.2. VESTÍGIOS INDIRETOS	16
4.3. MONITORAMENTO DA CAÇA E PESCA	17
4.4. FERRAMENTA OPEN DATA KIT.....	17
5. RESULTADOS	17
5.1. MONITORAMENTO DA CAÇA	18
5.1.1. MONITORAMENTO DA CAÇA NA TERRA INDÍGENA SETE DE SETEMBRO.....	18
5.1.2. Aldeia Nabeko	19
5.1.3. Aldeia Joaquim	19
5.1.4. Aldeia Lapetanha	20
5.1.5. Aldeia Apoena Meireles.....	20

5.1.6.	Aldeia Linha 14.....	20
5.1.7.	Aldeia Gasereg.....	20
5.2.	AS ESPÉCIES DE CAÇA MAIS APRECIADA PELOS PAITER	21
6.	MONITORAMENTO DA PESCA	24
6.1.	MONITORAMENTO DA PESCA NA TERRA INDÍGENA SETE DE SETEMBRO...24	
6.1.1.	Aldeia Lapetanha	24
6.1.2.	Aldeia Joaquim	24
6.1.3.	Aldeia Nabeko	25
6.1.4.	Aldeia Linha 14.....	25
6.1.5.	Aldeia Apoena Meireles.....	25
6.2.	AS ESPÉCIES DE PEIXES MAIS APRECIADAS NA DIETA PAITER SURUI	26
7.	TRANSECTOS LINEARES.....	28
7.1.	TRANSECTOS DA TERRA INDÍGENA SETE DE SETEMBRO	28
7.1.1.	Aldeia Lapetanha	28
7.1.2.	Aldeia Gasereg.....	29
7.1.3.	Aldeia Apoena Meireles.....	29
8.	DISCUSSÃO.....	33
9.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	35
10.	RELATÓRIO FOTOGRÁFICO	38

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Etnozoneamento da Terra Indígena Sete de Setembro. Fonte: Kanindé, 2011.....	9
Figura 2 - Monitoramento de caça. Fonte: Idesam, 2012.	10
Figura 3 - Medidas de distâncias exigidas na metodologia de transectos de linha. (Peres, et. al., 2011).....	16
Figura 4 - Capacitação dos pesquisadores indígenas durante a Oficina de Monitoramento da Biodiversidade na Sede da Kanindé.	38
Figura 5 - Capacitação para uso do Open Data Kit – ODK.....	38
Figura 6 - Primeiro contato dos pesquisadores indígenas com os Handhelds.	39
Figura 7 - Pesquisador indígena se familiarizando com a nova ferramenta de pesquisa.	39
Figura 8 - Pesquisadores indígenas discutindo sobre as áreas para instalação das trilhas.	40
Figura 9 - Aula prática para teste das ferramentas de pesquisa.....	40
Figura 10 - Alunos e professores da Primeira Oficina de Monitoramento da Biodiversidade.	41
Figura 11 - Mapa com as áreas para monitoramento de caça.....	41
Figura 12 - Entrega dos certificados de participação na Oficina de Monitoramento da Biodiversidade.....	42
Figura 13 - Visita técnica aos pesquisadores indígenas nas aldeias da terra indígena.	42
Figura 14 - Crânios de alguns animais que foram abatidos nas aldeias.	43
Figura 15 - Abertura das Trilhas para a metodologia de transecção linear....	43

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Lista de espécies cinegéticas apreciadas pela comunidade da Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal, Rondônia.	22
Tabela 2 - Lista de peixes apreciados pela comunidade da Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal, Rondônia.....	27
Tabela 3 - Espécies de mamíferos e aves avistadas pelo método de Transectos Lineares instalados em 3 aldeias da Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal, Rondônia.	31

APRESENTAÇÃO

O monitoramento da fauna da Terra Indígena Sete de Setembro, foi uma decisão do povo Paiter Suruí para a conservação dos recursos naturais de seu território.

Esta decisão passou por um longo processo, desde a elaboração do Diagnóstico Agroambiental Participativo (1999-2000), o Etnozoneamento e o Plano de Gestão (2005-2008), publicado em 2011 e finalmente o Projeto Carbono Florestal Suruí em 2012, envolvendo desde 1999 os indígenas em vários processos formativos, que visavam prepará-los para o uso de tecnologias na defesa de seus direitos e na conservação e preservação de sua biodiversidade e na valorização de sua cultura.

Durante estes processos foram firmadas parcerias e acordos dos Paiter Suruí, tendo a frente a Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí. No monitoramento da fauna a parceria com a Kanindé Associação de Defesa Etnoambiental, a Equipe de Conservação da Amazônia, Metareilá e povo Paiter Suruí foram fundamentais para o sucesso alcançado.

O monitoramento da biodiversidade permite o estabelecimento de política de gestão do território Paiter Suruí pelos próprios indígenas e contribui para traçar parâmetros para melhoria e manutenção da qualidade ambiental de sua terra e a segurança alimentar do povo indígena.

O período do monitoramento ocorreu nos anos de 2012 e 2013.

1. INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Sete de Setembro, está localizada em uma região ao norte do município de Cacoal, Rondônia até o município de Aripuanã, Mato Grosso e possui 248.147 hectares. Chega-se à área a partir de Cacoal, através das linhas de acesso 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e pela cidade de Rondolândia (MT) pelo fato das aldeias estarem distribuídas ao longo dos seus limites, tanto por questões de segurança quanto de aproveitamento de antigas sedes de fazendas deixadas por invasores que se estabeleceram dentro da área nas décadas de 70 e 80.

A Terra Indígena Sete de Setembro possui uma população de aproximadamente 1.400 pessoas, que vivem em 25 aldeias dispostas ao longo das linhas de acesso, constituindo base de proteção contra a entrada de brancos em seu território. A população em cada aldeia é variável, encontrando-se algumas com 45 pessoas e outras com centenas. A aldeia da linha 14 é a maior delas, com cerca de 30 famílias. A aldeia mais recente é a Gaherê, em Pacarana, criada em 2003, com seis famílias.

Conhecidos como Suruí de Rondônia, estes se autodenominam Paiter, que significa – Gente de Verdade. Falam o tupi mondé e se organizam em metade composta por grupos exogâmicos patrilineares: Gameb, Gamir, Makor e Kaban.

Preocupados com seu território e a conservação dos recursos naturais, elaboraram em parceria com a kanindé - Associação de Defesa Etnoambiental o Etnozoneamento e o Plano de Gestão, onde planejaram as ações de 50 anos de suas vidas, entre os vários eixos temáticos do Plano estão a segurança alimentar, o meio ambiente e a cultura (FIG 01).

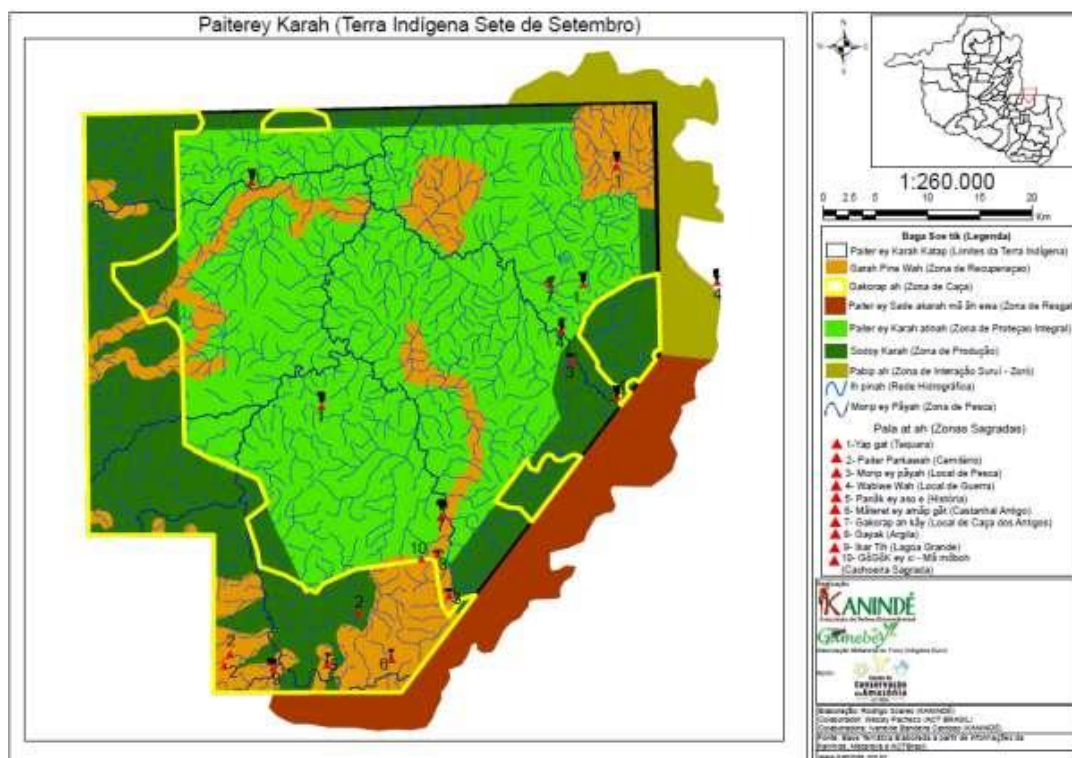


Figura 1 - Etnozoneamento da Terra Indígena Sete de Setembro. Fonte: Kanindé, 2011.

Ao elaborarem o Projeto Carbono Florestal Surui, definiram que realizariam o monitoramento da zona de caça (FIG 02). No entanto, juntos com a Kanindé decidiram monitorar caça e pesca, indo além do que propunha o projeto, mas atendendo ao Etnozoneamento e ao Plano de Gestão (Idesam, 2012, pg 114).

2.2. Objetivos específicos

- ✓ Capacitação de pesquisadores indígenas em métodos de pesquisa científica;
- ✓ Estudo e monitoramento da biodiversidade da Terra Indígena Sete de Setembro;
- ✓ Monitoramento das atividades de caça e pesca nas aldeias;
- ✓ Monitoramento das espécies de fauna cinegética;
- ✓ Elaborar um protocolo de pesquisa para o emprego da metodologia criada.
- ✓ Implementar o Plano de Gestão e atender o etnozoneamento da Terra Indígena.

3. Materiais e Métodos

3.1. Capacitação dos pesquisadores indígenas

Os pesquisadores indígenas foram indicados pela própria comunidade indígena local. Através de um consenso as lideranças indígenas escolheram os agentes que iriam representar a comunidade nas atividades de pesquisa em seus territórios. Algumas premissas são seguidas na escolha dos agentes indígenas, sendo elas:

- ✓ Ter pelo menos um agente indígena de cada aldeia;
- ✓ Ter todos os clãs representados;
- ✓ Que o agente escolhido saiba ler e escrever;
- ✓ Que não possua uma outra atividade que venha a prejudicar seu desenvolvimento na atividade de pesquisa;

3.2. Oficinas de Capacitação em Monitoramento da Biodiversidade em Terras Indígenas

As oficinas de Monitoramento da Biodiversidade em Terras Indígenas, tem como objetivo principal a capacitação e formação de agentes indígenas em monitoramento da biodiversidade.

Todo conteúdo abordado, visa instigar o aluno a pensar de forma mais ampla e consciente sobre a biodiversidade, seu uso e os perigos que a mesma vem correndo com as ações antrópicas e a implementar o etnozoneamento e o Plano de Gestão na terra indígena.

3.2.1. Primeira Oficina de Monitoramento da Biodiversidade em Terras Indígenas

Esta oficina de capacitação visa a formação de agentes indígenas que sejam capazes de executar de forma eficaz os métodos de pesquisa em seus territórios e com a comunidade local. Os agentes têm aulas teóricas e práticas durante o período de uma semana acerca de questões como:

- ✓ Introdução a biodiversidade em unidades de conservação;
- ✓ Introdução a importância da conservação da biodiversidade;
- ✓ Importância da fauna cinegética na alimentação das comunidades tradicionais e dos estudos acerca de conhecimentos e usos da fauna pelas comunidades;
- ✓ A importância do monitoramento de caça para a conservação e uso sustentável da fauna regional e como ocorre dentro das áreas definidas no etnozoneamento;
- ✓ Técnicas em monitoramento de caça;
- ✓ Técnicas em monitoramento de pesca;
- ✓ Metodologia de transecção linear para levantamento faunístico de aves e mamíferos de grande e médio porte;
- ✓ Uso da ferramenta Open Data Kit – ODK®.

Módulo I – Biodiversidade e Conservação

- ✓ Importância da conservação da biodiversidade;

- ✓ Biodiversidade em Unidades de Conservação;
- ✓ Biodiversidade em Terras Indígenas.

Módulo II – Legislação Ambiental

- ✓ Legislação ambiental, programas e acordos nacionais e internacionais
- ✓ CDB – Convenção sobre a Diversidade Biológica
- ✓ Programa de áreas protegidas da CDB
- ✓ Plano de áreas prioritárias para a conservação da Biodiversidade e Repartição de benefícios

Módulo III – Etnozoneamento

- ✓ Etnozoneamento da Terra Indígena Sete de Setembro
- ✓ Etnozoneamento da Terra Indígena Jiahui
- ✓ Zonas de caça e pesca

Módulo IV – Monitoramento da Biodiversidade

- ✓ Importância do monitoramento de caça e pesca em terras indígenas
- ✓ Uso sustentável da fauna
- ✓ Técnicas em monitoramento de caça e pesca

Módulo V- Metodologias utilizadas em Monitoramento da Biodiversidade

- ✓ Uso da ferramenta Open Data Kit – ODK
- ✓ Importância da ferramenta ODK em projetos de pesquisa
- ✓ Transecção Linear- CENSO
- ✓ Registros indiretos (pegadas, fezes, pelos e carcaças)
- ✓ Formulários de caça e pesca

3.2.2. Segunda Oficina de Monitoramento da Biodiversidade em Terras Indígenas

O processo metodológico da oficina visa trabalhar os dados coletados nas ações do monitoramento da biodiversidade a partir de exposições dialogadas e discussões em grupos por meio de situações-problema.

Os ministrantes e os agentes indígenas trabalham de forma participativa e assim, chegam a um resultado conjunto. Depois da atividade de análise conjunta dos dados, os agentes fazem uma apresentação oral dos resultados obtidos. Há um momento, onde, cada agente irá expor a sua experiência de campo durante o período inicial de trabalho.

3.2.2.1. O objetivo da oficina:

- ✓ Trabalhar de forma conjunta os dados coletados durante os meses iniciais do monitoramento da biodiversidade;
- ✓ Apresentação de ferramentas que possibilitam tratar os dados coletados de forma sistemática e com maior facilidade.
- ✓ Discutir e analisar os resultados a partir de questões orientadoras.
- ✓ Avaliação conjunta dos resultados obtidos: abordando os pontos positivos e negativos do período inicial do monitoramento da biodiversidade;

3.2.3. Terceira Oficina de Monitoramento da Biodiversidade

Esta oficina é realizada ao final do projeto, visando uma avaliação final acerca de todas as atividades desenvolvidas, metodologia, participação das equipes, dificuldades e outros.

4. Metodologia de pesquisa

4.1. Metodologia DISTANCE

A coleta dos dados em campo foi conduzida baseando-se nos princípios da metodologia DISTANCE para transectos lineares (Buckland *et alii*, 1993; Thomas *et alii*, 2002), que tem sido amplamente utilizada em estudos sobre mamíferos e aves, principalmente de animais que são relativamente fáceis de se visualizar na natureza, tais como os primatas (Cullen Jr. & Valladares-Padua, 1998; Chiarello & Melo, 2001; Bernardo & Galetti, 2004; Martins, 2005).

Esse método tem sido muito utilizado em levantamentos de mamíferos no estado de Rondônia (Ferrari, 1995; Lemos de Sá, 1995; Ferrari *et alii*, 1996; Messias, 1999, 2002; Bonavigo, 2005; Ferronato, 2006). Também tem sido amplamente utilizado na Amazônia brasileira para o estudo de populações de mamíferos diurnos (Emmons, 1984; Peres, 1990, 1996, 1997) e também na Mata Atlântica (Chiarello, 2000; Cullen Jr. *et alii*, 2000). Este tipo de levantamento fornece dados sobre a diversidade de mamíferos e sua abundância, mas é relativamente pouco eficiente para alguns grupos (Ferrari, 2001), como os carnívoros.

4.1.1. Transectos Lineares

Em cada terra indígena foram instalados 2 transectos, um em área dentro da zona de caça do Etnozoneamento e outro em área de proteção integral, seguindo também a indicação das lideranças das terras indígenas. Cada transecto possuía uma extensão de 4 km e foram devidamente demarcados com fita zebada a cada 50 metros.

Cada transecto era percorrido mensalmente por um período de 7 dias consecutivos, a transecção era realizada por duplas. Os agentes indígenas iniciavam a atividade no período matutino por volta das 6 horas da manhã. O período matutino mostra-se mais eficaz na visualização de primatas, visto que estes costumam acordar cedo para a prática do forrageio. Munidos dos handhelds com a ferramenta ODK instalada, os agentes indígenas percorriam toda a extensão dos transectos e anotavam os avistamentos nos formulários digitais contidos nos aparelhos. Cada formulário solicitava informações acerca do animal avistado (Espécie, faixa etária, sexo, quantidade e atividade

do animal), do local do avistamento (floresta aberta ou fechada, igapó ou várzea, quilometro do avistamento), horário, distância do observador para o animal (AO), distância do animal para a trilha (DP) e ângulo do avistamento.

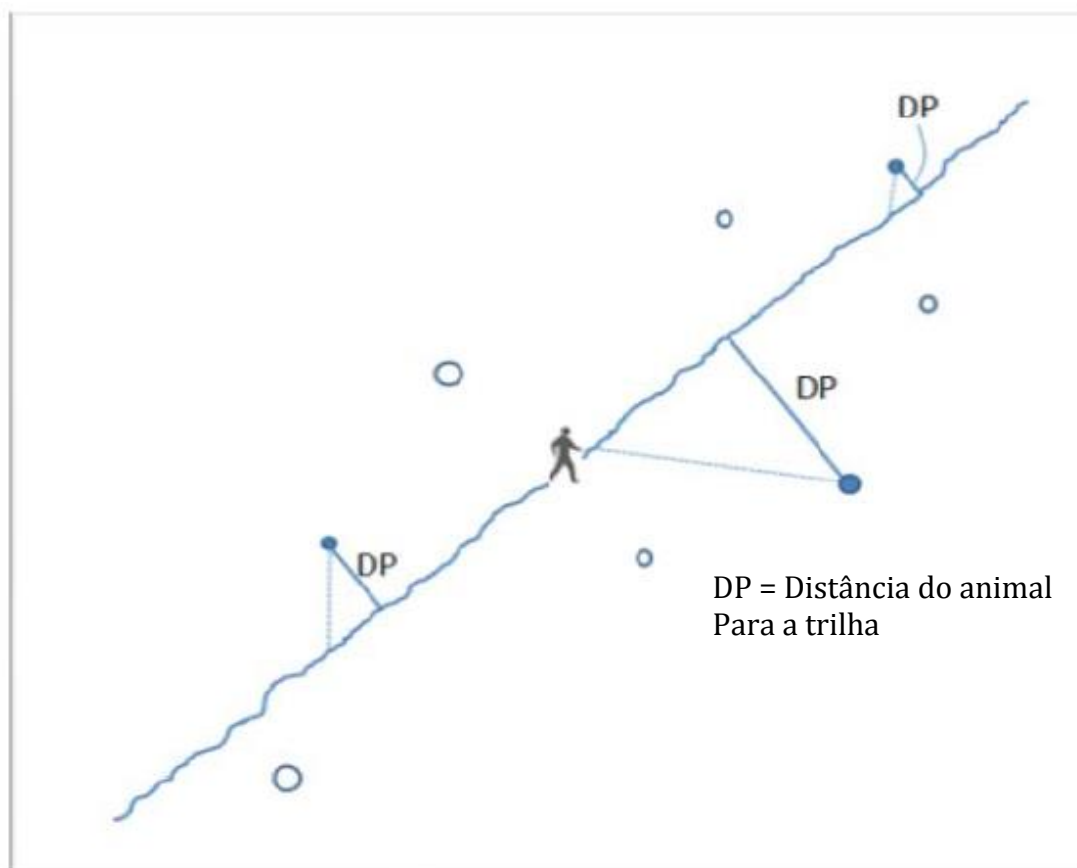


Figura 3 - Medidas de distâncias exigidas na metodologia de transectos de linha. (Peres, et. al., 2011).

4.2. Vestígios Indiretos

Para a realização dos registros de vestígios indiretos foram utilizados os seguintes itens: pegadas, fezes, pelos e ranhuras nos trocos das árvores. Ao executarem a metodologia de transectos lineares, os agentes também faziam registros desses vestígios. Assim, podia-se maximizar o uso do tempo, visto que realizar os dois métodos separadamente tornaria as atividades mais dispendiosas. Os registros eram realizados com o auxílio do handheld, onde os agentes indígenas fotografavam os registros.

4.3. Monitoramento da caça e pesca

O monitoramento da caça e pesca foram realizados nas aldeias onde os agentes residiam. Todo animal caçado ou pescado era anotado, os conteúdos dessas anotações incluíam: peso, tamanho, espécie, local de caça, local de pesca, quem realizou a caça ou pesca, meios utilizados (apetrechos).

Todas as informações foram anotadas diretamente nos handhelds. Cada agente possuía também um mapa impresso da sua terra indígena com as respectivas zonas definidas pelo Etnozoneamento. Neste mapa eles marcavam os locais onde os caçadores e pescadores caçaram ou pescaram os animais registrados.

4.4. Ferramenta Open Data Kit

Os handhelds com a ferramenta ODK instalada foram primordiais para a execução das atividades do projeto. A ferramenta facilitou a execução dos registros. Assim como facilitou o armazenamento e a utilização dos dados. Todos os agentes indígenas possuíam um aparelho. Durante a realização das atividades foram testados dos tipos de handhelds. Sendo eles: PIDION® e MOTOROLA DEFY®.

5. Resultados

Durante o período de Abril de 2012 a Junho de 2013 (15 meses) foram realizadas as atividades do Monitoramento da Biodiversidade nas Terras Indígenas Sete de Setembro e Jiahui. Os resultados obtidos durante esse trabalho são extremamente importantes para a consolidação do Etnozoneamento e Diagnóstico Etnoambiental Participativo dessa terra indígena.

Os resultados estão demonstrados por aldeias, facilitando a análise dos dados e o entendimento de como os indígenas utilizam os recursos naturais.

5.1. Monitoramento da Caça

5.1.1. Monitoramento da caça na Terra Indígena Sete de Setembro

Durante o período de Abril de 2012 a Junho de 2013 foram realizadas as atividades de monitoramento de caça em 6 aldeias da Terra Indígena Sete de Setembro. No decorrer dos 15 meses, as 6 aldeias consumiram uma biomassa de 8.676,35 kg. Destacando-se a aldeia Nabeko com 1.956,00 Kg de biomassa. Seguida pelas aldeias Joaquim (1.863,46 Kg) e Lapetanha (1.843,40). O interessante é que mesmo a aldeia Lapetanha sendo a mais populosa entre as três, ela ficou na terceira colocação. Isto, pode estar ligado aos seguintes fatos:

1. A população não emprega muito tempo na caça, devido a outras atribuições;
2. A carne mais consumida ao longo dos anos passou a ser a carne comprada em açougues, mesmo havendo a reclamação de que a carne de frango comprada em açougue não tem gosto, informação dada por Mopiri Surui durante a Oficina do Rainbow Children em julho de 2011.
3. Outro fator é um maior poder aquisitivo da comunidade e a proximidade com a cidade, já que Lapetanha está próxima a cidade de Cacoal, facilitando o acesso ao supermercado.
4. A mudança na dieta alimentar por influência religiosa, já que alguns se tornaram adventistas.

Uma observação importante deve constar, a aldeia Gasereg não teve o mesmo tempo de atividades de monitoramento que as outras 5 aldeias, por razões de divergências políticas entre algumas lideranças Paiter Suruí, o trabalho teve que ser suspenso na aldeia Gasereg e iniciado em outra aldeia, no caso a escolhida foi a aldeia Apoena Meireles. Por isso, ambas as aldeias apresentaram um esforço temporal menor, no entanto, os resultados apresentados por elas não ficaram muito distante das outras em relação a números em biomassa.

5.1.2. Aldeia Nabeko

A aldeia apresentou um consumo de biomassa expressivo, em 15 meses foram consumidos 1.956 Kg, ou seja, praticamente duas toneladas. Isto, nos dá uma média mensal de 130,4 Kg. Levando em conta que a comunidade da aldeia chegue a 5 famílias, onde cada família apresente um número de 6 pessoas. Isto nos daria que em média cada pessoa consome 4.3 Kg /mês. Comparando à média brasileira de consumo diário de carne, que é de 63g/dia (IBGE,2009), ou seja, podemos inferir que a população da aldeia possui uma dieta riquíssima em proteína animal, visto que o consumo médio diário é de 143g/dia. Sendo a carne juntamente com os produtos derivados da mandioca os principais itens da alimentação dos Paiter.

A carne mais apreciada nesta aldeia foi a do Queixada (*Tayassu pecari*), foram consumidos 1.441 Kg de biomassa. Seguido, pelo Cateto (*Tayassu tajacu*) com 453 Kg de biomassa consumidos. Ou seja, os tayassuídeos são os mais apreciados na aldeia.

5.1.3. Aldeia Joaquim

A aldeia Joaquim, apresentou um consumo de biomassa muito próximo ao apresentado pela aldeia Nabeko, a Joaquim apresentou uma biomassa de 1.863,46 Kg em 15 meses de monitoramento da caça. Levando em consideração que a aldeia possua entre cinco a sete famílias com média de seis pessoas por família, pode-se inferir que a quantidade de proteína animal consumida pela comunidade é significativa, pois daria uma média de 45g/dia de carne consumida por pessoa. Assim, como na aldeia anterior os animais mais apreciados na dieta proteica da população são os Queixadas (*Tayassu pecari*) com 1320 Kg de biomassa abatida e os Catetos (*Tayassu tajacu*) com 456,70 Kg.

5.1.4. Aldeia Lapetanha

A aldeia Lapetanha assim como as aldeias supra citadas, apresentou um significativo número de biomassa abatida durante o período de 15 meses. Foram abatidos 1.843,40 Kg de caça. Apesar de apresentar um número maior de famílias (+- 10 famílias) do que as aldeias anteriores, a aldeia ainda assim apresentou números significativos de abatimentos de espécies cinegéticas. Sendo que, 10 espécies entre aves e mamíferos tiveram registro de indivíduos abatidos. Dentre as dez, vale destacar duas, sendo elas: *Tayassu pecari* e *Tayassu tajacu*. Onde, *Tayassu pecari* obteve uma biomassa de 1.152,60 Kg e *Tayassu tajacu* com 501,60.

5.1.5. Aldeia Apoena Meireles

A aldeia Apoena Meireles aparece como um grande destaque em relação às demais aldeias estudadas. Pois, em seis meses de estudo apenas, ela apresentou um número expressivo de biomassa de animais caçados. Foram contabilizados 1.384,29 Kg. As espécies mais apreciadas foram *Tayassu pecari* (682,80) e *Tayassu tajacu* (527,59), o mesmo que nas anteriores.

5.1.6. Aldeia Linha 14

No período de 15 meses de atividades do monitoramento da caça na aldeia Linha 14 foram registrados 756 Kg de biomassa abatida. Assim como as outras aldeias as espécies mais apreciadas pela comunidade durante o período de pesquisa foram os Tayassuídeos. Os Queixadas apresentaram uma biomassa de 420 Kg e Catetos uma biomassa de 287 Kg.

5.1.7. Aldeia Gasereg

Esta aldeia foi uma exceção, devido ao fato da suspensão das atividades por divergências políticas entre lideranças Paiter Surui. Foram

realizados apenas seis meses de pesquisa, contudo, os resultados obtidos mostraram-se satisfatórios. No decorrer destes foram abatidos 874 Kg de biomassa. Ou seja, um número superior aos apresentados pela aldeia da Linha 14 em 15 meses de pesquisa.

5.2. As espécies de caça mais apreciada pelos Paiter

No que condiz à caça, fica clara a preferência dos Paiter pelas espécies de porcos-do-mato, tanto o Cateto, quanto o Queixada são extremamente apreciados e vistos à mesa das comunidades. Em 15 meses de monitoramento foram registrados o abate de 8.101,49 Kg de carne de porco-do-mato, de um total geral de 8.676,35 kg abrangendo 26 espécies cinegéticas entre aves e mamíferos. Ou seja, 93,37% da biomassa registrada durante o monitoramento pertence ao grupo dos Tayassuídeos. Na terceira colocação aparece o macaco prego com 212 kg consumidos. Esses fatos podem ser explicados através do entendimento dos tabus alimentares que ditam a dieta dos Paiter Surui, muitos animais de “pelos” não são consumidos devido ao gosto e muitos outros por serem atrelados a algum tipo de enfermidade, que pode vir a causar aos que os consomem.

Por isso, como em muitos outros povos indígenas espalhados pela Amazônia e pelo restante do Brasil, os tabus alimentares são tidos como um meio tradicional e peculiar aos povos indígenas, para o manejo e manutenção da fauna. No entanto, o que se constata atualmente, é que novos tabus estão sendo criados, a exemplo do consumo da carne de porco, que devido a religião passou a ser consumida menos, passando assim a haver um maior consumo de carne bovina e frango.

Tabela 1 - Lista de espécies cinegéticas apreciadas pela comunidade da Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal, Rondônia.

Espécie	Nome popular	Nome na língua	Aldeia Lapetanha	Aldeia Gasereg	Aldeia Joaquim	Aldeia Nabeko	Aldeia Linha 14	Aldeia A.Meireles	Biomassa Total KG
<i>Sapajus apella</i>	Macaco prego	Masáikír	72	-	32	26	18	64	212
<i>Saimiri ustus</i>	Mão-de-ouro	Txomeah	-	-	-	-	-	-	-
<i>Ateles chamek</i>	Macaco aranha	Arime	-	-	-	-	-	-	-
<i>Lagothrix cana</i>	Macaco barrigudo	Masaykor	-	-	-	-	-	-	-
<i>Callicebus bernhardi</i>	Zogue-zogue	Manaah	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	Wasa	-	01	-	-	-	-	01
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu galinha	Alerub	26	04	13	15	24	48	130
<i>Cuniculus paca</i>	Paca	Walaah	-	07	-	-	-	-	-
<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	Mebe	1.152,60	540	1.320,00	1.441,00	420,00	682,80	5.556,40
<i>Tayassu tajacu</i>	Cateto	Mebekob	501,60	320	456,70	453,00	287,00	527,59	2.545,09
<i>Mazama nemorivaga</i>	Veado vermelho	Itiahb	-	-	-	-	-	-	-
<i>Mazama americana</i>	Veado roxo	Pantxaahb	-	02	-	-	-	-	-
<i>Puma concolor</i>	Onça parda	Meko	-	-	-	-	-	-	-
<i>Ara macao</i>	Arara Vermelha	Kasar	26,40	-	13,66	11,00	5,00	23,00	79,06
<i>Tinamus tao</i>	Azulona	Abiowa	14,00	-	8,00	-	-	25,90	47,90
<i>Crypturellus strigulosus</i>	Inhambu-relógio	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pauxi tuberosa</i>	Mutum-cavalo	-	18	-	6	-	-	-	24,00
<i>Daypus kappleri</i>	Tatu 15 quilos	Waloy	22,00	-	8,00	6,00	-	-	36,00
<i>Panthera onca</i>	Onça pintada	Meko Iter	-	-	-	-	-	-	-

<i>Chiropotes albinasus</i>	Cuxiú	Masaypeb	-	-	-	-	-	-	
<i>Penelope pileata</i>	Jacupiranga	-	-	-	-	-	-	-	
<i>Ramphastus tucanus</i>	Tucano	Yukānab	8,80	6,10	4,00	2,00	13,00	33,90	
<i>Dasyprocta variegata</i>	Cutia	Waki	-	-	-	-	-	-	
<i>Phitecia irrorata</i>	Macaco velho	Paraseah	-	-	-	-	-	-	
<i>Nasua nasua</i>	Quati	-	-	-	-	-	-	-	
<i>Coendu prehensilis</i>	Porco espinho	-	2,0	-	-	-	-	2,00	
Total Geral			1.843,40	874	1.863,46	1.956,00	756,00	1.384,29	8.676,35

6. Monitoramento da pesca

6.1. Monitoramento da pesca na Terra Indígena Sete de Setembro

Durante o período de 15 meses de monitoramento da pesca nas aldeias Lapetanha, Joaquim, Gasereg, Linha 14, Nabeko e Apoená Meireles foram registrados um total de 871,23 Kg de biomassa.

6.1.1. Aldeia Lapetanha

Durante o período de 15 meses de atividade de monitoramento da pesca na aldeia Lapetanha foram consumidos 268,57 Kg de biomassa. As espécies mais apreciadas foram: *Electrophorus electricus* (81,30 Kg), *Mylossoma* sp. (34,89 Kg), *Serrasalmus* sp. (30 Kg), *Ageneiosus inermis* (26,41 Kg), *Pimelodus* sp. (18,19), *Hoplias malabaricus* (13 Kg), *Charax* sp. (11,25 Kg), *Leporinus* sp. (9,33Kg), *Acestrorhynchus* sp. (9 Kg), *Geophagus* sp. (5,52 Kg), *Raphiodon* sp. (5 Kg), *Crenicichla* sp. (4,5 Kg), *Triportheus elongatus* (4,5 Kg), *Hemiodus immaculatus* (3,75 Kg) e *Potamorhina* sp. (0,90 Kg).

6.1.2. Aldeia Joaquim

Durante o período de pesquisa, foram registrados na aldeia Joaquim uma quantidade de 216,51 Kg de biomassa ictia, onde 16 espécies foram registradas. Sendo elas: *Serrasalmus* sp. (43 Kg), *Mylossoma* sp. (41 Kg), *Ageneiosus inermis* (23,54 Kg), *Pimelodus* sp. (22,50 Kg), *Electrophorus electricus* (22 Kg), *Geophagus* sp. (14,80 Kg), *Acestrorhynchus* sp. (13 kg), *Charax* sp. (9,8 Kg), *Astyanax* sp. (9 Kg), *Leporinus* sp. (3,37 Kg), *Triportheus elongatus* (3 Kg), *Raphiodon* sp. (2,4 Kg), *Crenicichla* sp. (2,2 Kg), *Hemiodus immaculatus* (1,4 Kg) e *Potamorhina* sp. (1 Kg).

6.1.3. Aldeia Nabeko

Durante o período de pesquisa, foram registradas 16 espécies e uma biomassa ictia de 190,20 Kg. As espécies mais apreciadas foram: *Electrophorus electricus* (48,56 Kg), *Mylossoma sp.* (29 Kg), *Ageneiosus inermis* (20 Kg), *Charax sp.* (15,89 Kg), *Pimelodus sp.* (15 Kg), *Raphiodon sp.* (11 Kg), *Serrasalmus sp.* (11 Kg), *Geophagus sp.* (11 Kg), *Crenicichla sp.* (6,40 Kg), *Acestrorhynchus sp.* (5,5 Kg), *Leporinus sp.* (5 Kg), *Astyanax sp.* (3,5 Kg), *Hoplias malabaricus* (3,3 Kg), *Hemiodus immaculatus* (2,2 Kg), *Triportheus elongatus* (2,25 Kg) e *Potamorhina sp.* (0,6 Kg).

6.1.4. Aldeia Linha 14

Durante o período de 15 meses foram registrados o consumo de 116,31 Kg pertencentes a 14 espécies. Sendo elas: *Ageneiosus inermis* (27 Kg), *Mylossoma sp.* (18,88 Kg), *Pimelodus sp.* (18,44 Kg), *Leporinus sp.* (18,44 Kg), *Serrasalmus sp.* (8,5 Kg), *Geophagus sp.* (7,9 Kg), *Charax sp.* (6 Kg), *Hoplias malabaricus* (7Kg), *Raphiodon sp.* (7 Kg), *Astyanax sp.* (4,8 Kg), *Acestrorhynchus sp.* (2,4 Kg), *Potamorhina sp.* (2 Kg), *Triportheus elongatus* (1,5 Kg) e *Crenicichla sp.* (1,5 Kg).

6.1.5. Aldeia Apoena Meireles

Durante o período de pesquisa foram registras 13 espécies cinegéticas e um total de 148,94 Kg de biomassa consumida. Sendo elas: *Mylossoma sp.* (29,53), *Ageneiosus inermis* (19,76 Kg), *Raphiodon sp.* (15 Kg), *Pimelodus sp.* (13 Kg), *Geophagus sp.* (13 Kg), *Charax sp.* (12 Kg), *Serrasalmus sp.* (10 Kg), *Astyanax sp.* (8 Kg), *Hoplias malabaricus* (8 Kg), *Leporinus sp.* (7,65 Kg), *Triportheus elongatus* (6 Kg), *Crenicichla sp.* (3,7 Kg) e *Acestrorhynchus sp.* (3,3 Kg).

6.2. As espécies de peixes mais apreciadas na dieta Paiter Surui

Durante o período de pesquisa, constatou-se a preferência dos Paiter Surui em relação a algumas espécies de peixe, onde o peixe elétrico ganha destaque, esta espécie é tida como uma iguaria pelos Paiter Suruí, sendo uma preferência quase que unanime. O pacu, mandubé e acará aparecem logo em seguida. As espécies de piranha também são apreciadas para se fazer caldo, especialmente, após festas tradicionais, onde se ingere muita chicha.

A inserção de algumas espécies na dieta é regulada segundo a disponibilidade das mesmas no decorrer da sazonalidade anual, é normal essa variação, onde algumas espécies tendem a apresentarem uma maior facilidade em serem pescadas do que outras. Essa variação segue de forma intensamente proporcional a variação nas vazantes dos rios que permeiam o território Paiter. Em épocas de cheia as espécies pertencentes às famílias dos caracídeos apresenta maior abundância, enquanto no período de seca os bagres, piranhas e traíras são mais fáceis de serem encontrados.

Tabela 2 - Lista de peixes apreciados pela comunidade da Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal, Rondônia.

Espécie	Nome popular	Nome na língua	Aldeia Lapetanha	Aldeia Joaquim	Aldeia Nabeko	Aldeia Linha 14	Aldeia A.Meireles	Biomassa Total KG
<i>Potamorhina sp.</i>	Branquinha	Liripeya	0,90	1,00	0,60	2,00	-	4,50
<i>Hemiodus immaculatus</i>	Flexinha	Nambekir	3,75	1,40	2,20	-	-	7,35
<i>Astyanax sp.</i>	Lambari	Nambe	11,03	9,00	3,50	4,80	8,00	36,33
<i>Pimelodus sp.</i>	Mandí	Moribah	18,19	22,5	15,00	18,44	13,00	87,13
<i>Ageneiosus inermis</i>	Mandubé	Watabé	26,41	23,54	20,00	27,00	19,76	116,71
<i>Mylossoma sp.</i>	Pacu	Moripkaberub	34,89	41,00	29,00	18,88	29,53	153,30
<i>Raphiodon sp.</i>	Peixe cachorro	Orobi	5,00	2,40	11,00	7,00	15,00	40,40
<i>Electrophorus electricus</i>	Peixe elétrico	Gopamah	81,30	22,00	48,56	-	-	151,86
<i>Leporinus sp.</i>	Piau	Ixah	9,33	3,37	5,00	11,89	7,65	46,57
<i>Serrasalmus sp.</i>	Piranha	Inhen xikorud	30,00	43,00	11,00	8,50	10,00	102,5
<i>Triportheus elongatus</i>	Sardinha	Liripeya	4,50	3,00	2,25	1,50	6,00	17,25
<i>Hoplias malabaricus</i>	Traíra	Mambo	13,0	4,50	3,30	7,00	8,00	35,80
<i>Charax sp.</i>	Lambari	Nambe	11,25	9,80	15,89	6,00	12,00	54,94
<i>Acestrorhynchus sp.</i>	Cachorrinha	Orobi	9,00	13,00	5,50	2,40	3,30	33,20
<i>Crenicichla sp.</i>	Jacundá	Norab	4,50	2,20	6,40	1,50	3,70	18,30
<i>Geophagus sp.</i>	Cará	Nabeah Koraub	5,52	14,80	11,00	7,90	13,00	52,22
Total Geral			268,57	216,51	190,20	116,31	148,94	871,23

7. Transectos Lineares

Durante o período de Abril de 2012 a Junho de 2013 (15 meses) foram realizadas as atividades de avistamentos de fauna nos transectos lineares instalados nas aldeias das terras indígenas Sete de Setembro e Jiahui. Os grupos levantados foram os de mamíferos e aves.

Durante os 15 meses os agentes percorriam mensalmente as trilhas por um período de sete dias consecutivos. O que gerou um esforço amostral de 105 dias. Cada trilha possuía uma extensão de 4 Km, ou seja, em 105 dias de atividades foram percorridos 840 Km, em cada trilha instalada, visto que os agentes a cada dia percorriam 8 Km, contabilizando a ida e a volta no transecto.

7.1. Transectos da Terra Indígena Sete de Setembro

7.1.1. Aldeia Lapetanha

Durante o período de 15 meses foram avistadas 22 espécies de mamíferos e 8 de aves (Tabela 05). Dentre estas espécies de mamíferos avistadas destacam-se as pertencentes a Ordem Primates, pois, foi a ordem com maior número de espécies avistadas, 7 no total. Em seguida vieram as ordens Carnivora, Cingulata Cetartiodactyla, todas com 4 espécies avistadas. Por fim, apresentam-se Rodentia (2 espécies) e Perissodactyla (1 espécie). No grupo das aves foram registradas 5 ordens, sendo elas: Psittaciformes (2 espécies), Tinamiformes (2 espécies), Galliformes (espécies) ,Piciformes (1 espécie) e Gruiformes (1 espécie).

Durante os 15 meses foram registrados 1338 espécimes entre mamíferos e aves, sendo: 1020 avistamentos para mamíferos e 318 para aves. Deste número total de avistamentos, algumas espécies obtiveram maior destaque em relação a quantidade de espécimes avistados, como por exemplo, *Dasyprocta variegata* (165 avistamentos), *Ateles chamek* (105 avistamentos), *Saimiri ustus* (91 avistamentos), *Psophia viridis* (90 avistamentos), *Lagothrix cana* (89 avistamentos), *Callicebus bernhardi* (75

avistamentos), *Chiropotes albinasus* (66 avistamentos), *Pauxi tuberosa* (62 avistamentos) e *Mazama americana* (60 avistamentos).

7.1.2. Aldeia Gasereg

Nesta aldeia não foi possível realizar os 15 meses de atividades, algumas divergências políticas entre os Paiter Surui, levou à equipe de monitoramento da biodiversidade a mudar de área de pesquisa. Contudo, foram levantados dados no período de nove meses na aldeia Gasereg, o que possibilitou um bom esforço amostral. Durante os nove meses foram percorridos 504 Km em 63 dias de esforço amostral. Durante este período foram avistados 185 espécimes pertencentes a 22 espécies, sendo 17 de mamíferos e 5 de aves. As espécies mais avistadas foram: *Dasyprocta variegata* (32 avistamentos), *Tayassu pecari* (30 avistamentos), *Tayassu tajacu* (23 avistamentos), *Pauxi tuberosa* (12 avistamentos), *Psophia viridis* (12 avistamentos), *Sapajus apella* (11 avistamentos), *Dasypus novemcinctus* (11 avistamentos), *Cuniculus paca* (10 avistamentos), *Nasua nasua* (07 avistamentos), *Saimiri ustus* (06 avistamentos), *Mazama nemorivaga* (06 avistamentos), *Mymercophaga tridactyla* (04 avistamentos), *Crypturellus strigulosus* (04 avistamentos), *Ateles chamek* (03 avistamentos), *Ramphastus tucanus* (03 avistamentos), *Lagothrix cana* (02 avistamentos), *Chiropotes albinasus* (02 avistamentos), *Tapirus terrestris* (02 avistamentos), *Mazama americana* (02 avistamentos), *Ara ararauna* e (01 avistamento), *Caliccebus bernhardi* (01 avistamento).

7.1.3. Aldeia Apoena Meireles

Com a eminente necessidade de mudança de área de pesquisa, ficou decidido a troca da aldeia Gasereg pela aldeia Apoena Meireles. Onde, foram realizados seis meses de pesquisa na trilha da aldeia localizada em Rondolândia, Mato Grosso. Durante o período de pesquisa, foram realizados 123 avistamentos, onde foram contabilizadas 17 espécies de mamíferos de médio e grande porte. Sendo 51 avistamentos para primatas, 26

avistamentos para roedores, 25 avistamentos para carnívoros, 9 avistamentos para cingulados e 3 avistamentos para perissodáctilos. As espécies mais avistadas foram: *Dasyprocta variegata* (23 avistamentos), *Sapajus apella* (22 avistamentos), *Saimiri ustus* (13 avistamentos), *Tayassu pecari* (12 avistamentos), *Dasypus novemcinctus* (9 avistamentos), *Callicebus bernhardi* (08 avistamentos), *Tayassu tajacu* (8 avistamentos), *Nasua nasua* (07 avistamentos), *Mazama americana* (04 avistamentos), *Ateles chamek* (04 avistamentos), *Tapirus terrestris* (03 avistamentos), *Cuniculus paca* (03 avistamentos), *Lagothrix cana* (02 avistamentos), *Eira barbara* (02 avistamentos), *Chiropotes albinasus* (01 avistamento) e *Phitecia irrorata* (01 avistamento).

Tabela 3 - Espécies de mamíferos e aves avistadas pelo método de Transectos Lineares instalados em 3 aldeias da Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal, Rondônia.

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Tupi – Mondé	Aldeia Lapetanha	Aldeia Gasereg	Aldeia A. Meireles	Nº total de avistamentos
Primates	Cebidae	<i>Sapajus apella</i>	Macaco prego	Masáikír	53	11	22	86
Primates	Cebidae	<i>Saimiri ustus</i>	Mão-de-ouro	Txomeah	91	06	13	110
Primates	Atelidae	<i>Ateles chamek</i>	Macaco aranha	Arime	105	03	04	112
Primates	Atelidae	<i>Lagothrix cana</i>	Macaco barrigudo	Masaykor	89	02	02	93
Primates	Pitheciidae	<i>Callicebus bernhardi</i>	Zogue-zogue	Manaah	75	01	08	84
Primates	Pitheciidae	<i>Chiropotes albinasus</i>	Cuxiú	Masaypeb	66	02	01	69
Primates	Pitheciidae	<i>Phitecia irrorata</i>	Macaco velho	Paraseah	36	-	01	37
Perissodactyla	Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	Wasa	13	02	03	18
Cingulata	Dasypodidae	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu galinha	Alerub	09	11	09	29
Cingulata	Dasypodidae	<i>Daypus kappleri</i>	Tatu 15 quilos	Waloy	06	-	-	06
Cingulata	Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá -Mirim	-	15	01	-	16
Cingulata	Myrmecophagidae	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá bandeira	-	10	04	-	14
Cetartiodactyla	Tayassuidae	<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	Mebe	75	30	12	117
Cetartiodactyla	Tayassuidae	<i>Tayassu tajacu</i>	Cateto	Mebekob	30	23	08	61
Cetartiodactyla	Cervidae	<i>Mazama nemorivaga</i>	Veado vermelho	Itiahb	45	06	01	52
Cetartiodactyla	Cervidae	<i>Mazama americana</i>	Veado roxo	Pantxaahb	60	02	04	66
Carnivora	Felidae	<i>Puma concolor</i>	Onça parda	Meko	08	-	-	08
Carnivora	Felidae	<i>Panthera onca</i>	Onça pintada	Meko lter	01	-	-	01
Carnivora	Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	Irara	-	11	-	02	13

Carnivora	Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	Quati	-	45	07	07	59
Rodentia	Dasyproctidae	<i>Dasyprocta variegata</i>	Cotia	Waki	165	32	23	220
Rodentia	Erethizontidae	<i>Coendou prehensilis</i>	Ariranha	-	-	-	-	-
Rodentia	Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	Paca	Walaah	12	10	03	25
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Ara macao</i>	Arara Vermelha	Kasar	23	-	-	23
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Ara ararauna</i>	Arara Canindé	-	15	01	-	16
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Tinamus tao</i>	Azulona	Abiowa	34	-	-	34
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus strigulosus</i>	Inhambu-relógio	-	24	04	-	28
Galliformes	Cracidae	<i>Pauxi tuberosa</i>	Mutum-cavalo	-	62	12	-	74
Galliformes	Cracidae	<i>Penelope pileata</i>	Jacupiranga	-	21	-	-	21
Piciformes	Ramphastidae	<i>Ramphastus tucanus</i>	Tucano	Yukã nab	49	03	-	52
Gruiformes	Psophidae	<i>Psophia viridis</i>	Jacamim	-	90	12	-	102
TOTAL GERAL					1338	185	123	1646

8. Discussão

Com o passar dos 15 meses de atividades de campo do monitoramento, percebeu-se que a metodologia empregada é eficaz e que sem dúvida é uma ferramenta de gestão territorial que pode ser aplicada a um baixo custo financeiro e com excelente retorno intelectual. Com a adaptação de métodos de pesquisa biológica amplamente utilizados, e com o emprego de uma visão com teor mais etno, o monitoramento da biodiversidade adentra o contexto da cultura do Povo Suruí, através de um estudo etnofaunístico consistente, que engloba todos os aspectos da relação dos Paiter com a biodiversidade do seu território.

Em um período de 15 meses foram contabilizados 8.676, 35 Kg de biomassa de caça abatida, dando aproximadamente uma média de 578,5 Kg de biomassa por mês. Deve-se levar em consideração que apenas 6 das 11 aldeias existentes na terra indígena foram estudadas, ou seja 54% das aldeias, e que a mais populosa das aldeias também ficou de fora do estudo. No que tange a biomassa de pesca, percebeu-se que a relação do Paiter com a atividade de pesca se dá com maior intensidade em momentos sazonais, onde a caça torna-se mais difícil, devido aos animais se afastarem das áreas mais próximas às aldeias a procura de fontes de água e alimento. Durante o período de pesquisa foram consumidos 871,23 Kg de biomassa pescada, o que representa 10% do total que foi consumido em atividade de caça.

Com isso, pode-se inferir que os valores aqui apresentados são robustos e que se torna importantíssimo a continuidade do estudo e, mais ainda, torna-se necessário a inserção das outras 5 aldeias que não foram estudadas no programa de monitoramento da biodiversidade. Deste modo, será possível um resultado mais sólido acerca da quantidade de biomassa abatida e o poder que a biodiversidade tem de suprir às comunidades locais com caça e pesca para a subsistência. Pois, a carne de caça é uma importantíssima fonte de proteína animal para os Paiter e que juntamente com os produtos derivados da mandioca são os principais itens da alimentação desse Povo.

Com o método de utilização de trilhas foi possível a visualização e registro de 23 espécies de mamíferos e 8 espécies de aves. Sendo registradas praticamente todas as espécies que possuem uma relação com o povo Paiter. Tanto no que concerne ao uso como alimentação, artesanatos e outros. Em 105 dias de atividade nas trilhas foram percorridos 840 km, um número muito acima do mínimo exigido pela metodologia que é de 80 km. Ou seja, o método foi estatisticamente, mais que significativo, foi incontestável. Foram realizados 1646 avistamentos de mamíferos e aves. Sendo que a maioria dos avistamentos são de espécies que são as mais apreciadas pelos Suruí, como por exemplo: Cateto, Queixada, macaco prego e cutia.

Outro dado relevante observado é que com uma renda maior os Paiter Surui passaram a consumir mais carne bovina e frango, ao mesmo tempo que mantiveram a floresta em pé, diminuindo a caça e mantendo assim a proteção aos animais silvestres, bem diferente da sociedade “branca” (não indígena), que quanto maior o poder aquisitivo, maior a pressão sobre os recursos naturais, a exemplo de Rondônia e Mato Grosso que possuem enormes áreas desmatadas para criação de gado, e no entanto os fazendeiros e agricultores que não precisariam desmatar mais nenhum hectares para aumentar a produção de carne continuam a fazê-lo, e a cada ano vão aumentando as áreas de pastagem, destruindo a floresta e junto matando os animais silvestres.

Portanto, depois de toda a análise dos dados coletados pelos pesquisadores indígenas no período de quase um ano e meio, pode-se inferir, através do registro de espécies ameaçadas de extinção, espécies crípticas e cinegéticas em um número robusto de avistamentos que, a terra indígena apresenta ainda um bom grau de conservação. Contudo, o monitoramento da biodiversidade precisa se fazer presente por um período de tempo ainda maior, para que dados relacionados ao manejo da fauna se apresente com mais robustez, para algumas espécies que possam vir a serem inseridas na dieta Paiter Surui no decorrer dos próximos anos, devido a fatores antrópicos externos, que venham a comprometer o equilíbrio da fauna e flora da área indígena, fator antrópico este que se apresenta com grande intensidade devido aos desmatamentos ilegais, orquestrados pelos madeireiros das áreas circunvizinhas e dos fazendeiros, que buscam sempre

a expansão territorial dos seus domínios, através do uso indiscriminado de áreas que pertencem legalmente ao Povo Paiter.

9. Referências Bibliográficas

BERNARDO, C. S. S.; GALETTI, M. 2004. **Densidade e tamanho populacional de primatas em um fragmento florestal no sudeste do Brasil**. Revista Brasileira de Zoologia, v. 21, n. 4, p. 827-832.

BONAVIGO, P.H. **Inventário e Estimativa Populacional da Mastofauna de Médio e Grande Porte da Estação Ecológica de Samuel/RO. 2005. 46 f. Monografia**. Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Campus Porto Velho. 2005.

BUCKLAND, S.T.; ANDERSON, D.R.; BURNHAM, K.P.; LAAKE, J.L. 1993. **Distance Sampling: Estimating Abundance of Biological Populations**. London: Chapman & Hall.

CHIARELLO, A.G. 2000. **Density and Population Size of Mammals in Remnants of Brazilian Atlantic Forest**. Conservation Biology, n.6, p.1649-1657.

CHIARELLO, A. G.; MELO, F. R. 2001. **Primate population densities and sizes in Atlantic Forest remnants of Northern Espírito Santo, Brazil**. International Journal of Primatology, v. 22, n. 3, p. 379-396.

CULLEN Jr., L.; VALLADARES-PADUA, C. 1998. **Métodos para Estudos de Ecologia, Manejo e Conservação de Primatas na Natureza**. In: VALLADARES-PADUA, C.; BODMER, R. E. (Org) Manejo e Conservação de Vida Silvestre no Brasil. Brasília, D.F.: CNPq / Belém, PA: Sociedade Civil Mamirauá, p. 239-269.

CULLEN Jr., L.; BODMER, R. E. E PADUA, C.V. 2000. **Effects of hunting in habitat fragments of the Atlantic Forest, Brazil**. Biological conservation, n.95, p.49-56.

EMMONS, L. H. 1984. **Geographic variation in densities and diversities of non-flying mammals in Amazonia**. Biotropica. V.16, n.3: 210-222.

Etnozoneamento Paiterey Garah Terra Indígena Sete de Setembro, Kanindé, 2011.

FERRARI, S.F. 1995. **Avaliação Ecológica Rápida da Estação Ecológica Serra de Três Irmãos: Relatório de Mastofauna**. Porto Velho: Planaflores.

FERRARI, S.F.; CRUZ NETO, E.H.; IWANAGA, S.; CORRÊA, H.K.M. & RAMOS, P.C.S. **An unusual primate community at the Estação Ecológica Serra dos Três Irmãos, Rondônia, Brazil**. Neotropical Primates 4: 55-56. 1996.

FERRARI, S.F. 2001. **A Fauna de Mamíferos Não-Voadores da Reserva Biológica do Traçadal – RO**. Relatório Técnico. ONG KANINDÉ. Porto Velho.RO.

FERRONATO, M. L. 2006. **Inventário e estimativa populacional da mastofauna de médio e grande porte na fazenda Manoa, Cujubim/RO: Um estudo de caso do impacto da exploração florestal manejada na mastofauna amazônica**. 61 f. Monografia. Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Campus Porto Velho

LEMOS DE SÁ, R.M. 1995. **Effects of the Samuel Hydroelectric Dam on Mammal and Bird Communities in a heterogeneous lowland Amazonian Forest**. Doctor Thesis, University of Florida, Gainesville.

MARTINS, M. M. 2005. **Density of primates in four semi-deciduous forest fragments of São Paulo, Brazil**. Biodiversity and Conservation, v. 14, n. 10, p. 2321-2329.

MESSIAS, M.R. 1999. **Avaliação Ecológica Rápida da REBIO Rio Ouro Preto: Relatório Técnico de Mastofauna e Aves Cinegéticas.** PNUD/PLANAFLORO

MESSIAS, M.R. 2002. **Impacto da pressão de caça e extração seletiva de madeira na mastofauna diurna no Estado de Rondônia.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus Rio Claro.

Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009 : análise do consume alimentar pessoal no Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro : IBGE, 2011.

PERES, C. A. 1996. **Population Status of White-Lipped *Tayassu pecari* and Collared Peccaries *T. tajacu* in Hunted and Unhunted Amazonian Forests.** Biological Conservation. 77: 115-123.

Projeto de Carbono Florestal Surui, Idesam, 2012, pg 114.

THOMAS, L.; BUCKLAND, S. T.; BURNHAM, K. P.; ANDERSON, D. R.; LAAKE, J. L.; BORCHERS, D. L. & STRINDBERG, S. 2002. **Distance sampling.** In: El-Shaarawi, A. H. & Piegorsch, W. W. (eds.). Encyclopedia of Environmetrics. Chichester, John Wiley & Sons. p.544-552.

10. Relatório fotográfico



Figura 4 - Capacitação dos pesquisadores indígenas durante a Oficina de Monitoramento da Biodiversidade na Sede da Kanindé.



Figura 5 - Capacitação para uso do Open Data Kit – ODK.



Figura 6 - Primeiro contato dos pesquisadores indígenas com os Handhelds.



Figura 7 - Pesquisador indígena se familiarizando com a nova ferramenta de pesquisa.



Figura 8 - Pesquisadores indígenas discutindo sobre as áreas para instalação das trilhas.



Figura 9 - Aula prática para teste das ferramentas de pesquisa.



Figura 10 - Alunos e professores da Primeira Oficina de Monitoramento da Biodiversidade.

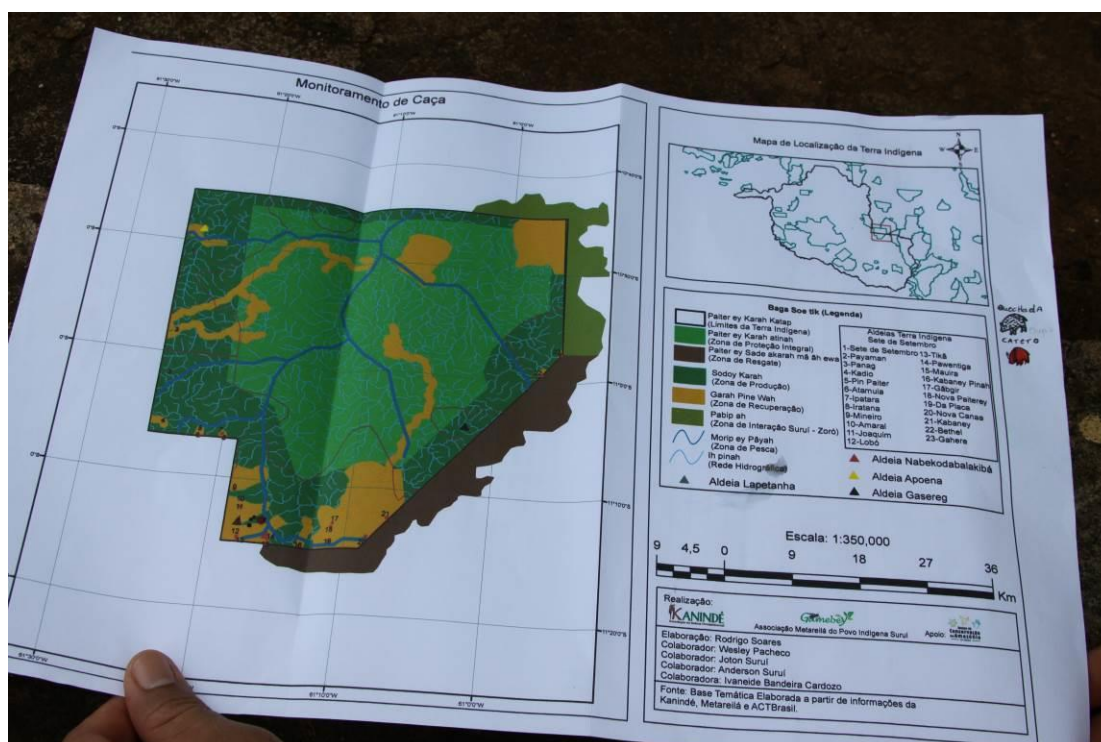


Figura 11 - Mapa com as áreas para monitoramento de caça.



Figura 12 - Entrega dos certificados de participação na Oficina de Monitoramento da Biodiversidade.



Figura 13 - Visita técnica aos pesquisadores indígenas nas aldeias da terra indígena.



Figura 14 - Crânios de alguns animais que foram abatidos nas aldeias.



Figura 15 - Abertura das Trilhas para a metodologia de transecção linear.